

ENTRE AFETOS E ALGEMAS: A VULNERABILIDADE FEMININA NO TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

Vinícius Viana Gonçalves
Cibele Cheron

Resumo Simples: Este trabalho analisa a vulnerabilidade de mulheres envolvidas com o tráfico de drogas no Brasil, considerando os fatores sociais, econômicos e afetivos que moldam suas trajetórias. A criminalização feminina é impulsionada por uma política repressiva que resulta no encarceramento em massa, afetando principalmente mulheres negras, pobres e periféricas. Entre 2005 e 2023, o número de mulheres presas cresceu significativamente, sendo a maioria por envolvimento com o tráfico, muitas ingressam nesse universo por vínculos afetivos com parceiros ou pela necessidade de sustentar os filhos, a prisão rompe laços familiares, aprofunda a exclusão e impõe novas formas de violência. A partir de histórias reais, o estudo revela como essas mulheres articulam vitimização, resistência e estratégias de sobrevivência, assumindo muitas vezes comportamentos associados à masculinidade para sobreviver e ganhar respeito, ainda assim, permanecem submetidas a estruturas patriarcais. O trabalho defende políticas públicas que considerem essas trajetórias e promovam alternativas reais de reconstrução de vida.

Resumo Expandido: O presente trabalho analisa a vulnerabilidade de mulheres envolvidas com o tráfico de drogas no Brasil, destacando os fatores afetivos, sociais e econômicos que influenciam suas trajetórias. A criminalização feminina no país tem sido impulsionada por uma política repressiva de combate às drogas, herdeira do modelo da “guerra às drogas” norte-americana, cujo principal efeito é o encarceramento em massa de populações marginalizadas, sobretudo mulheres negras, periféricas e pobres.

Entre 2005 e 2023, o número de mulheres presas aumentou 111%, sendo mais da metade por crimes relacionados ao tráfico, essas mulheres, em sua maioria, são mães e chefes de família, e muitas vezes ingressam no tráfico motivadas por relações afetivas com parceiros já inseridos no crime, ou pela necessidade de prover sustento para os filhos. O cárcere aprofunda a vulnerabilidade social dessas mulheres, rompendo laços familiares e expondo-as a novas formas de violência.

A partir de uma abordagem crítica e relacional de gênero, este estudo utiliza relatos empíricos de duas mulheres para demonstrar como se entrelaçam vitimização, agência e resistência dentro do universo do tráfico, os casos analisados revelam a presença de estratégias de sobrevivência e ascensão que exigem das mulheres a adoção de posturas associadas à masculinidade hegemônica, como o uso da força, a disposição para o risco e a dominação de outras mulheres. Ainda que alcancem posições de liderança ou respeito, essas trajetórias estão marcadas pela reprodução de uma lógica patriarcal que as submete e explora, mesmo quando ocupam espaços de poder.

A partir de autoras como Saffioti (1997; 2001), Barcinski e Cúnico (2016) e Gomes (2008), o trabalho reforça a necessidade de superar leituras simplistas que veem essas mulheres apenas como criminosas ou vítimas, reconhecendo suas experiências como híbridas, ambivalentes e marcadas por uma complexa negociação de identidades. As análises apontam para a urgência de políticas públicas voltadas à reinserção social com dignidade, rompendo com a lógica punitivista e patriarcal que ainda estrutura o sistema de justiça criminal brasileiro.

Assinala-se que qualquer proposta de enfrentamento ao tráfico de drogas e à violência de gênero deve passar pelo reconhecimento das vulnerabilidades específicas enfrentadas pelas mulheres e pela promoção de alternativas que considerem suas trajetórias, vínculos afetivos e possibilidades de reconstrução de vida.

Palavras-chave: mulheres; tráfico de drogas; vulnerabilidade; gênero; políticas públicas.

REFERÊNCIAS:

BARCINSKI, M.; CÚNICO, S. D. Mulheres no tráfico de drogas: retratos da vitimização e do protagonismo feminino. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 1, p. 59–70, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.22590>.

CAVALCANTI, G. J.V. A crise estrutural do capital e o encarceramento em massa: O caso brasileiro. 2019. 164f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) - Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019.

CNJ. Mulheres correspondem a 96,36% das vítimas de tráfico internacional de pessoas. CNJ, 05 dez. 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/mulheres-correspondem-a-9636-das-vitimas-de-traffic-internacional-de-pessoas/>. Acesso em 23 de setembro. 2024.

GOMES, Romeu. A dimensão simbólica da violência de gênero: uma discussão introdutória. *Athenea Digital*, n. 14, p. 237-243, 2008.

LEITE, M. L. Q. G. et al. Inserção e atuação feminina no tráfico de drogas: uma revisão sistemática da literatura. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 17, n. 9, e10845, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.9-302>.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos feministas*, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. A síndrome do pequeno poder. In: Maria Amélia Azevedo; Viviane Nogueira de Azevedo Guerra (orgs.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu Editora, 1989. p. 13-21.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, n. 2, p. 59-79, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, n. 16, p. 115-136, 2001.